

ESQUEMATICIDADE E PRODUTIVIDADE NA RECONFIGURAÇÃO DA REDE DE CONECTORES CONDICIONAIS

Táisa Peres de OLIVEIRA¹

Camila Gabriele da Cruz CLEMENTE²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3450>

Resumo: Neste artigo, propomos demonstrar como as mudanças na produtividade das microconstruções sancionadas por [VNão-Fin que]Cond afetam seu grau de esquematicidade e levam à reconfiguração da rede em um todo. Como resultado de mudanças diversas, o subesquema [VNão-Fin que]Cond sanciona, no século XIX, as microconstruções [supondo que]Cond, [considerando que]Cond, [dado que]Cond e [posto que]Cond. No entanto, no século XXI mudanças na produtividade afetam a configuração desse subesquema que parece perder algumas de suas microconstruções. Nossa análise mostra que o grau de generalização e a extensibilidade do esquema mais geral é constantemente alterada como resultado de mudanças na produtividade em níveis menos esquemáticos e mais específicos, provocando, assim, a reconfiguração de toda a rede. Para sustentar nosso estudo, utilizamos as bases teóricas da Abordagem Construcional da Mudança Linguística de autores como Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008) e Perek (2016). Os dados utilizados foram coletados em dois bancos de dados diacrônicos, o Córpus do Português (FERREIRA; DAVIES, 2006) e o Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

Palavras-chave: Abordagem construcional. Mudança linguística. Esquematicidade. Produtividade. Conectores condicionais.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; taisa.p.oliveira@ufms.br; <https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; camila.clemente@estudante.ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-0709-6888>

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

SCHEMATICITY AND PRODUCTIVITY IN THE RECONFIGURATION OF THE CONDITIONAL CONNECTOR NETWORK

Abstract: This paper demonstrates how changes in productivity of microconstructions sanctioned by [VNão-Fin que]Cond affects the configuration of the network as a whole. As the result of several changes, by the 19th century, the subschema [VNão-Fin que]Cond can sanction the microconstructions [*supondo que*]Cond, [*considerando que*]Cond, [*dado que*]Cond and [*posto que*]Cond. Nevertheless, changes in productivity affects the configuration of the subschema that seems to lose some of its microconstructions. Our analysis shows that changes in the productivity of less schematic constructions may lead to changes in extensibility and degree of generalization of more general schemas. This analysis takes from the Diachronic Construction Approach, as elaborated by Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008) e Perek (2016). Our data were collected at Corpus do Português (FERREIRA; DAVIES, 2006) and at Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

Keywords: Constructional approach. Linguistic change. Schematicity. Productivity. Conditional connectors.

Introdução

Neste artigo, pretende-se explorar como a rede da construção [X conj]_{Cond}³ é (re)organizada a partir de diversas mudanças que afetam sua estrutura interna. Especificamente, o interesse de investigação aqui é identificar os tipos de mudança na produtividade que são relevantes para a extensibilidade de um de seus subesquemas e a consequente reconfiguração da rede. Para tanto, o foco deste artigo se volta para a relação entre produtividade e esquematicidade, observando tanto as mudanças que afetam o preenchimento dos *slots*, como as mudanças na preferência colocacional que resultam na emergência ou perda de expressões convencionais.

Tomamos como objeto de análise, em específico, o subesquema [V_{Não-Fin} que]_{Cond} para mostrar como os processos de mudança na produtividade desse subesquema provocaram

³ No esquema, X representa a posição aberta que pode ser ocupada por elementos de natureza morfossintática bastante diversa, tais como, advérbios (*contanto que*) e preposições (*desde que*), (conj)unção representa a posição parcialmente esquemática, já que pode ser ocupada pelo complementizador *que* e pela própria conjunção *se*, e cond(ição) indica a especificação semântica da função desse conector. Para uma visão mais detalhada da rede de conectores condicionais, verificar Oliveira (2019, 2020).

rearranjos na rede construcional. Num primeiro momento, a partir da emergência de [supondo que], outras três microconstruções emergem: [considerando que], [dado que] e [visto que]. Como resultado do processo de rotinização e convencionalização contínuas, a microconstrução [supondo que] experimenta uma expansão colocacional e semântico-pragmática significativa. Ao mesmo tempo, as microconstruções [dado que] e [visto que] desenvolvem heterossemias, especificamente, o valor contrastivo, historicamente ligado à base causal presente na condicionalidade. Essas mudanças associadas parecem levar à perda dessas microconstruções de base participial na rede condicional. Em outras palavras, no desenvolvimento do subesquema $[V_{\text{Não-Fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$, primeiro notam-se mudanças que levam ao aumento de sua produtividade atestada pela emergência de diferentes microconstruções. No entanto, à medida que a microconstrução [supondo que] se consolida como conector condicional, expandindo seus contextos de uso, as microconstruções de base participial sancionadas pelo mesmo subesquema parecem entrar em obsolescência, com possível indicação de perda desses nós na rede dos conectores condicional.

A análise mostra, portanto, como mudanças na produtividade que afetam o subesquema são resultados da expansão geral situada em nível menos esquemático na rede. À medida que [supondo que] se consolida, por volta do século XIX, o esquema vai adquirindo considerável extensibilidade, generalizando a partir de diferentes subpadrões. Diferentemente do que se nota nas outras microconstruções exemplares sancionadas pelo mesmo subesquema, a microconstrução [supondo que] pode ser usada com diferentes correlações modo-temporais e atuam em diferentes domínios cognitivos. Nesse sentido, seu uso e extensibilidade não estão limitados a um domínio semântico-pragmático muito específico. Os resultados evidenciam, assim, a estreita relação entre esquematicidade e produtividade, que, em parte, determina o nível em que uma construção é representada na rede e, por outro lado, também provoca uma reorganização da rede. Fica evidente, então, o papel que habilidades cognitivas como convencionalização, rotinização e abstração têm na estrutura e organização da rede construcional.

Este trabalho se assenta nas bases teóricas da Abordagem Construcional da Mudança Linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021; HILPERT, 2021; BARDDAL, 2008; PEREK, 2016) e entende, como princípio básico, que a língua pode ser conceitualizada como uma rede de esquemas, subesquemas ou microconstruções organizados em diferentes níveis de abstração, que exibem diferentes graus de generalização, fixação e convencionalização que são, constantemente, alterados e reconfigurados pelo uso da língua. Os dados foram coletados em perspectiva diacrônica, no *Cópus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2005) e Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Para tanto, este trabalho está organizado do seguinte modo: na segunda seção, apresentam-se questões teóricas que sustentam nossa análise, na terceira seção, apresenta-se a metodologia do trabalho; a partir daí, na quarta seção, discute-se a estreita relação entre produtividade e esquematicidade, mostrando como mudanças na produtividade podem afetar a esquematicidade da rede dos conectores condicionais.

Questões teóricas e metodológicas

A abordagem construcional da mudança linguística

Nossa análise parte da Abordagem construcional da mudança linguística, fortemente vinculada ao que se nomeia como Modelos Baseados no Uso (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006; 2019; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e que tem na sua base a articulação de princípios funcionalistas e cognitivistas. O rótulo abriga um conjunto relativamente extenso e variado de teorias, que, em comum, reconhecem a gramática como o resultado das experiências dos usuários com a língua.⁴

Para os Modelos Baseados no Uso, os processos de abstração linguística se assentam sobre processos cognitivos gerais e, assim, a estrutura linguística é entendida como parte de estruturas conceituais mais amplas. Isso implica reconhecer que a experiência do usuário com a língua e, em última instância, a própria estrutura linguística refletem habilidades cognitivas que atuam em outros sistemas do conhecimento humano. Destacam-se, aí, a capacidade de categorização, memorização e estocagem de detalhes da experiência, a estreita relação entre frequência, rotinização e automatização de atividades e a capacidade para associar cognitivamente eventos coocorrentes.⁵ Fica, assim, evidente, a não compartimentalização da linguagem e outras capacidades cognitivas, já que processos de domínio geral e específicos atuam de modo integrado e operam em qualquer área da cognição humana.

Subjacente a esses princípios, entende-se que padrões e regularidades linguísticas emergem da fixação de rotinas cognitivas a partir de instâncias concretas de uso. Nesse processo, as unidades da língua são abstraídas a partir da compreensão de propriedades contextuais de ocorrências reais. Em outras palavras, as estruturas da língua emergem da fixação de configurações formais e funcionais recorrentes nos eventos de uso e que se estabelecem como unidades por meio de processos cognitivos gerais, como rotinização,

4 Para uma visão detalhada dos Modelos Baseados no Uso, conferir Barlow e Kemmer (2000).

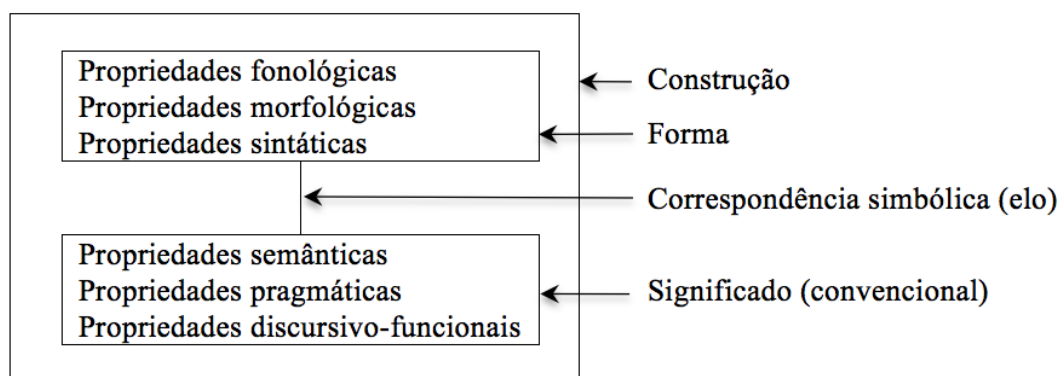
5 Para maior detalhamento da relação entre processos linguísticos e processos cognitivos gerais, conferir Bybee (2016).

automatização, categorização e generalização. Nesse processo, as unidades da língua são construídas através da categorização de instâncias similares convertidas em representações mais abstratas, evitando-se, assim

[...] a ideia de uma gramática formal desprovida de significado e, ao contrário, foca-se no modo como construções gramaticais baseadas no significado emergem de usos individuais da língua. (TOMASELLO, 2009, p. 69, tradução nossa⁶).

A partir daí, reconhece-se a construção como unidade básica da língua, concebida como o pareamento convencional entre forma e significado, tal como representada, na Figura 1. A construção consiste numa estrutura gramatical em que, no polo da forma, estão representadas as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; e, no polo do significado, abrigam-se todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, seus traços semânticos e, também, propriedades da situação, do discurso e do contexto pragmático da interação verbal. As construções podem ser desde as mais simples, como um lexema, às mais complexas, por exemplo, o esquema da oração transitiva. Ou seja, as construções consistem tanto em unidades substantivas e especificadas como em padrões e regularidades mais abstratos, apreendidos e convencionalizados a partir de instâncias de uso.

Figura 1. A construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001)

No geral, construções são analisadas conforme três propriedades: esquematicidade, composicionalidade e produtividade (GOLDBERG, 2002; TRAUGOTT; TROUSDALE,

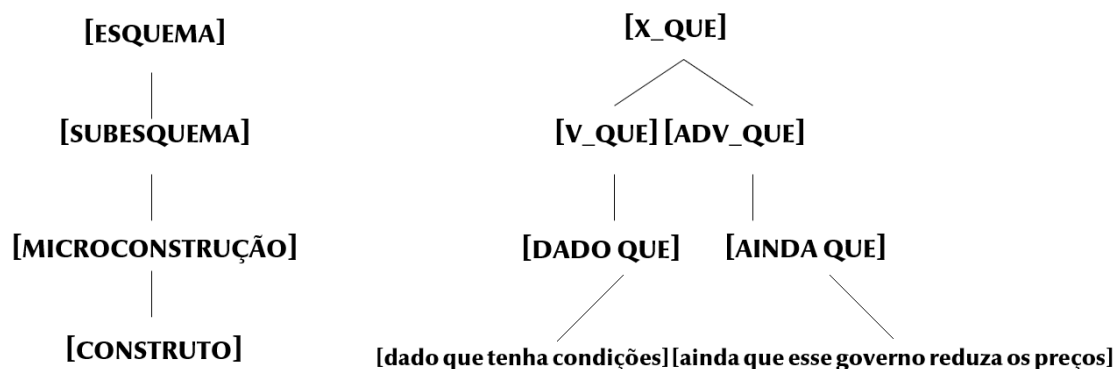
⁶ No original: “[...] the idea of a wholly formal grammar devoid of meaning and instead focus on how meaning-based grammatical constructions emerge from individual acts of language use”.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

2021). Todas essas propriedades são pensadas em termos de gradiência e, numa abordagem construcional da mudança linguística, como é a que assumimos para a análise aqui, são esperadas mudanças que afetam em maior ou menor grau essas propriedades.

Esquematicidade reflete o grau de abstração e generalização de uma construção e se assenta, especialmente, sobre a habilidade de categorização. Esquemas podem ser entendidos como padrões de experiência rotinizados e cognitivamente fixados. Nesse sentido, esquemas linguísticos são grupos abstratos e gerais que podem ser analisados em razão das posições abertas ou fechadas que os constituem. Um esquema altamente abstrato é pouco especificado, apresentando posições abertas que abstraem sobre subesquemas e microconstruções com maior grau de especificação. É o caso, por exemplo, da construção transitiva [Arg_1 V Arg_2]. Com todas as posições abertas, pouco especificadas e generalizadas, essa construção é altamente esquemática e abstrai sobre diferentes subesquemas e microconstruções que, por sua vez, abstraem sobre muitas instâncias de uso. Diferentemente do que se vê na construção [<alguém> bater as botas] por exemplo. Com várias posições especificadas (fechadas, já que não podem ser preenchidas por outras unidades linguísticas sem que haja perda do significado idiomático), essa construção apresenta um baixo grau de esquematicidade com apenas uma posição aberta (João bateu as botas, Maria bateu as botas). Em termos de esquematicidade, construções podem ocupar diferentes níveis na rede construcional, a depender do grau de abstração e generalização de suas posições, aqui exemplificados na figura 2 (mais adiante). A figura ilustra os diferentes graus de esquematicidade de acordo com a nomenclatura usada em Traugott e Trousdale (2021), em que o esquema representa o nível mais geral e abstrato, que vai se tornando cada vez menos esquemático em níveis inferiores, subesquema e microconstrução, respectivamente. Os construtos representam instâncias reais de uma construção. À direita, o grau de esquematicidade é ilustrado com base no grau de esquematicidade dos conectores condicionais. Cabe esclarecer que o processo de generalização se dá numa ordem *top-down*, assumindo que a rede estoca os detalhes relevantes a partir da experiência dos usuários da língua, organizados em termos de princípios de categorização (LANGACKER, 2008).

Figura 2. Níveis de esquematicidade



Fonte: Elaboração própria

Composicionalidade mede o grau de transparência do elo entre forma e significado de uma construção. Ou seja, a análise dessa propriedade verifica se o significado de uma construção é, de algum modo, resultado da correlação de suas partes componenciais. Em outras palavras, a composicionalidade pode ser pensada em termos de transparência entre o significado da parte e o significado do todo. Toma-se como exemplo os diferentes usos de [a gente] no português brasileiro. Em [a gente]_{sn}, o significado do determinante ‘a’ e do substantivo ‘gente’ contribuem para a construção do significado do SN determinado singular e feminino. Diferentemente, em [a gente]_{pro}, esses traços se perdem e tem-se um significado altamente gramatical, que faz referência de primeira pessoa do plural. Esse significado não é derivado do significado das partes dessa construção sendo, portanto, não transparente e não composicional⁷.

Produtividade está relacionada à extensibilidade e restrição de uma construção. Na análise da produtividade, avalia-se o grau em que um esquema sanciona construções menos esquemáticas. Tome-se a exemplo o esquema de formação de substantivos derivados em -eiro no português [N + -eiro]. Extremamente produtivo, esse esquema sanciona diversos construtos como chaveiro [chave + -eiro], pipoqueiro [pipoca + -eiro], fofoqueiro [fofoca + -eiro]⁸, etc. Muito diferente, por exemplo, do esquema [X que]_{Cond} que tem produtividade consideravelmente mais baixa, já que não temos novas conjunções se formando com tanta frequência (OLIVEIRA, 2014). A produtividade também está ligada às restrições de um (sub)esquema. Por exemplo, na rede construcional dos conectores

7 Para uma análise construcional da construção [a gente]_{pro}, ver Faria (2022).

8 Aqui os esquemas representam de forma mais geral a produtividade lexical dos nomes terminados em -eiro, sem detalhar as especificações no processo de derivação.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

condicionais, o subesquema [$v_{\text{Não-fin}}$ que] sanciona apenas formas verbais não-finitas, por exemplo, as microconstruções [dado que] e [supondo que].

Diante de tudo isso, a gramática é, então, concebida como a representação cognitiva de uma rede de construções organizada hierarquicamente em diferentes níveis de abstração e generalização. Na rede, cada construção consiste em um nó que se liga a outros nós por meio de elos diversos. Na rede, os elos de herança – de natureza taxonômica – ligam verticalmente construções mais específicas a construções mais abstratas com quem compartilham propriedades de forma e de significado. Os elos relacionais – de natureza relacional – especificam tipos de relações entre construções. É por meio dos elos que as construções, ou nós, vão se associando em famílias e agrupamentos com diferentes graus de acessibilidade e fixação. Exemplos de diferentes categorias conceituais podem participar de uma mesma rede por meio do compartilhamento de propriedades e traços de forma ou significado e, assim, se ligam uns aos outros, numa rede ampla, em que nenhum nó está isolado.

É exatamente nesse contexto que se situa a Gramática de Construções e, de maior interesse aqui, a Abordagem Construcional da mudança linguística ou Gramática de Construções Diacrônica, conforme delineada por diversos autores como Traugott e Trousdale (2021), Hilpert (2021), Barðdal (2008), entre outros. Para a análise que apresentamos aqui, adotamos, especificamente, Traugott e Trousdale (2021).

Esse modelo entende a mudança linguística a partir de dois processos fundamentais: a **mudança construcional**, quando se notam mudanças que afetam apenas uma dimensão de uma construção já existente, alterando ou o plano da forma ou o do significado, ou a **construcionalização**, quando um novo elo convencional e simbólico entre forma e significado se forma como resultado de pequenas mudanças sucessivas que levam à emergência de uma nova construção.

Traugott e Trousdale (2021, p. 58) conceituam construcionalização como

[...] a criação de (combinações de) signos $\text{forma}_{\text{nova}}$ - $\text{significado}_{\text{novo}}$. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente [...]. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 58).

É evidente aí o papel do uso e da frequência. A construcionalização ocorre, de fato, quando a nova construção persiste na memória de um grupo de usuários, que é ativada pelo uso frequente de ocorrências semelhantes, possibilitando ao usuário da língua generalizar sobre essas instâncias e estocar o novo padrão que, à medida que vai sendo replicado, fixa-se como representação linguística na memória dos usuários. Um exemplo de construcionalização é a formação de conectores adverbiais, aqui ilustrado pela formação de conectores condicionais a partir de formas verbais, como se vê em [dar_v] > [dado que]_{conector'} como demonstrou Clemente (2020).

A mudança construcional, por outro lado, é um tipo de mudança linguística que “afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 65). Em outras palavras, são mudanças que ocorrem apenas no plano da forma ou do significado e não levam a um pareamento de forma_{nova}-significado_{novo} e, assim, não provocam a emergência de um novo nó na rede. De fato, essas mudanças são pequenos passos que, geralmente, podem levar à construcionalização, ou, muitas vezes, também sucedê-las. No jogo de motivações, novas pressões podem continuar atuando, impulsionando novos processos de mudança. No geral, mudanças construcionais que antecedem a construcionalização são expansão pragmática, semanticização, convencionalização da pragmática e mudanças na distribuição. Mudanças construcionais que seguem a construcionalização envolvem, geralmente, redução fonológica e morfológica e expansão de classe hospedeira, que consiste na expansão colocacional da construção, conceito ao qual voltaremos mais adiante neste artigo.

Em seu modelo de Abordagem Construcional diacrônica, Traugott e Trousdale (2021) distinguem dois mecanismos principais que concorrem para a mudança linguística: neanálise e analogização. A **neanálise** tem seu foco assentado sobre a diferença de forma e significado de uma construção em relação a sua base de origem, quando falantes atribuem uma nova análise para algum aspecto de uma construção. Na **analogização**, o foco recai sobre a compatibilidade da construção nova com alguma construção já existente, com a qual a construção emergente compartilha alguma propriedade e, por isso, pode ser categorizada como um exemplar da mesma rede.

A neanálise pode ser entendida, conforme os autores, como micromudanças que levam uma construção a receber nova análise de forma ou significado. A neanálise acontece à medida que processos inferenciais, metafóricos, metonímicos e implicaturas próprios do contexto se convencionalizam como parte do significado de uma construção, que recebe, portanto, uma nova interpretação de sua função sintática / semântica / pragmática. É, por exemplo, o que ocorreu na mudança [supondo]_v > [supondo que]_{Cond'}.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Conforme Oliveira (2019), no desenvolvimento do conector condicional [supondo que], a neoanálise captura traços da inferência de não-factualidade como parte do significado de [supondo que], levando à interpretação da função conectora condicional. À medida que se convencionaliza, uma neoanálise posterior envolve a perda de propriedades formais, como perda da estrutura argumental de 'supor', fixação da posição, formação do *chunk* [supondo que].

A analogização, por outro lado, atua na reconfiguração de propriedades de uma construção e ocorre quando um construto é usado com propriedades de forma e/ou significado não compatíveis com a rede a qual pertence. Nesses casos, um alinhamento provisório é formado para melhor adequar o construto emergente a uma construção já armazenada com a qual compartilha características semântico-pragmáticas e formais. Assim, uma construção é atraída como exemplar de um esquema que não a sancionava antes, provocando mudanças na extensibilidade ou restrição de um esquema. A analogização também atua na formação do conector condicional [supondo que]. Como se demonstra em Oliveira (2019), [supondo que] não mais se alinha ao esquema dos predicados encaixadores. Um alinhamento provisório liga [supondo que] ao esquema de conector [X que]_{Cond} à medida que é replicado com frequência e compartilhado pelos falantes, esse alinhamento se convencionaliza e uma nova construção emerge na rede dos conectores condicionais.

As vantagens do tratamento da mudança linguística numa abordagem construcional são muitas. Em primeiro lugar, é mais que evidente o papel das habilidades cognitivas sobre a emergência de formas da gramática. A análise que se faz sobre mudança linguística toma o caminho que vai do uso para a gramática, a reflexo de como o próprio processo ocorre: de modo gradual, implementado numa ordem *bottom-up*, em que atuam, com relativo destaque, a frequência, o entrenchamento, o raciocínio analógico, a rotinização, a automatização, a esquematização e a categorização. Além disso, fica evidente, também, a natureza flexível e instável da gramática, moldada a partir de motivações diversas que vão em dois sentidos: interno e externo. Ao tomar a construção como unidade de análise, a análise oferecida é também funcional, porque pensa forma e função igualmente.

Esquematicidade e produtividade

No tipo de análise realizada neste artigo, o ponto central é o entendimento de como mudanças no padrão colocacional podem, em última instância, alterar a configuração da rede como um todo. A expansão colocacional, conceito inicialmente proposto por Himmelmann (2004), permite observar como uma construção interage com outras

construções. É então que se analisa de que modo os processos de mudança linguística afetam as combinações ou o arranjo colocacional de uma construção, considerando o contexto como o domínio de fato da mudança.

Nesse direcionamento, a expansão colocacional implica no aumento de elementos que co-ocorrem com a construção em mudança e podem ser dos tipos:

- (A) **expansão de classe hospedeira:** à medida que se construcionaliza, uma construção tende a expandir sua co-ocorrência com itens que sejam relevantes em seus *slots*. Esse tipo de expansão leva a colocações de uma construção que não estavam disponíveis para a construção fonte. É o que se nota, por exemplo, na construcionalização do auxiliar de futuro [ir V_{inf}], que começa a preencher o *slot* de V_{inf} com verbos de movimento, mas à medida que o processo de mudança avança, a possibilidade de colocações vai expandido para verbos de ação até chegar a verbos mais abstratos, tais como de raciocínio mental ‘vou pensar’, ‘vou sonhar’, ‘vou amar’.⁹
- (B) **expansão sintática:** é a ampliação dos contextos sintáticos de uma construção. No caso do auxiliar de futuro [ir V_{inf}], à medida que a construção se consolida, observa-se seu uso em construções intransitivas, transitivas e bitransitivas, construções clivadas e em contextos de alçamento. Tem-se então, uma expansão que leva a nova construção a participar em novas configurações morfossintáticas¹⁰.
- (C) **expansão semântico-pragmática:** uma vez convencionalizada, uma forma poderá desenvolver novas heterossemias, ou seja, expandir seu significado para dois ou mais significados/funções que são historicamente relacionados. É o que se nota, por exemplo, no desenvolvimento da microconstrução [desde que]_{Conector}. Conforme demonstra Oliveira (2014), com fonte na preposição espaço-temporal ‘desde’, à medida que se consolida no português, esse conector amplia suas funções semântico-pragmáticas e percorre o seguinte caminho: tempo > causa > condição, significados histórica e cognitivamente interligados.

O que é de maior relevância para nossa análise, e para a Abordagem Construcional como um todo, é o fato de que, à medida que essas expansões ganham força, aumenta-se também a esquematicidade da construção. Isso porque quanto mais variados os itens

9 Para uma visão mais detalhada do auxiliar de futuro, ver Fonseca (2010).

10 Fonseca (2010).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

atraídos para uma posição aberta em um (sub)esquema e quanto maior a gama de seus significados, mais abstrato e geral ele é. À medida que aumenta a variedade de colocados em uma construção, espera-se que (sub)esquemas cada vez mais abstratos possam ser extraídos dela, impulsionando, também, o aumento de sua produtividade. É exatamente com foco nessa relação que construímos o objetivo do nosso artigo, para avaliar a relação entre esquematicidade e produtividade da construção [V que]_{Cond}.

Cópus e método de análise

Os dados desta análise foram coletados no banco de dados diacrônico *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org (DAVIES; FERREIRA, 2006) e do Banco Informatizado de Textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (BIT-PROHPOR/UFBA, 2002), disponível em <https://www.prohpor.org/bit-banco-textos>. O *Corpus do Português* é um banco de dados que possui diferentes modalidades de busca. Para esta análise, usamos a modalidade Gênero/Histórico, que conta com aproximadamente 45 milhões de palavras distribuídas em textos oral, de ficção, jornalístico e acadêmico, e a modalidade Web/Dialeto, que contém cerca de 1 bilhão compiladas a partir de páginas da *web*. Para a coleta realizada aqui, consideramos dados de todas as variedades do português. O BIT-PROHPOR consiste em um banco informatizado de dados de textos escritos do português europeu e brasileiro do século XII ao século XX (português brasileiro apenas a partir do século XVII). No banco, encontram-se textos em prosa literária (traduções e originais em língua vernácula), poesia, prosa epistolar e textos notariais/foros.

Para a pesquisa inicial, foram considerados todos os textos e séculos que compõem os dois *corpora*. A primeira ocorrência do subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond} foi encontrada no ano 1713, no BIT-PROHPOR. Portanto, a amostra para a análise realizada aqui contém dados dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI coletados a partir de ambos os *corpora*. Dados do português do século XXI constam apenas da modalidade Web/Dialeto do *Cópus do Português*. Para a análise, foram coletadas todas as ocorrências das microconstruções sancionadas pelo subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond}. As microconstruções encontradas na amostra são *supondo que*, *considerando que*, *dado que* e *posto que*. A frequência absoluta das microconstruções é dada na Tabela 1. Na primeira coluna, tem-se a frequência absoluta das unidades sequenciais *supondo que*, *considerando que*, *dado que* e *posto que*, identificadas em qualquer contexto de uso. Na segunda coluna, apresenta-se a frequência bruta dos construtos, ou seja, ocorrências plenamente sancionadas pelo subesquema analisado.

Tabela 1. Frequência bruta do subesquema na amostra

Lista de frequência de $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que } O]_{\text{condicional}}$		
Microconstrução	Frequência absoluta na amostragem	Frequência da construção na amostragem
[dado que]	15005	8
[posto que]	4381	7
[considerando que]	12380	79
[supondo que]	2244	134
Total	34010	228

Fonte: Elaboração própria

Considerando que este artigo pretende avaliar a expansão colocacional e seus efeitos na produtividade e esquematicidade do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}'}$, os dados serão processados por meio de frequência simples. Para analisar a produtividade do subesquema, considera-se como parâmetro de análise a natureza morfossintática da forma verbal atraída para a posição em V. Para a análise da mudança e expansão nos padrões colocacionais, considera-se o domínio cognitivo da oração condicional (O) e (iii) a posição da oração condicional (O_1) em relação a sua oração nuclear (O_2). Os parâmetros são analisados XVIII, XIX, XX e XXI, considerando-se a amostra.

O subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}}$ no português

Nosso objetivo principal é mostrar a reconfiguração da rede de conectores condicionais a partir de mudanças no subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}'}$. Para tanto, nossa análise tem dois objetivos mais específicos. O primeiro é mostrar a trajetória de emergência do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que }]_{\text{Cond}}$ no português via analogização ao esquema $[X \text{ que }]_{\text{Cond}}$. Esse nó se forma a partir da emergência de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$ no século XVIII, e se consolida com a recente expansão da produtividade de tipo do subesquema no século XIX, a partir da emergência de $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$. Num segundo momento, mostramos também como, em paralelo à emergência dessas microconstruções, a expansão semântico-pragmática e sintática de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ consolida essa microconstrução como o exemplar mais produtivo do subesquema e, portanto, o nó mais acionado na rede. Isso, somado a outros fatores, pode ter levado à obsolescência das microconstruções conectoras de base participial. Nossa reflexão principal se pauta, portanto, na relação entre o grau de convencionalização, esquematicidade e produtividade das microconstruções para explicar a reconfiguração da rede dos conectores condicionais no século XXI.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Nossa análise começa com a caracterização do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ que opera sobre uma oração (O_1) finita, projetando essa oração como situação condicionante para uma conclusão futura/hipotética descrita por uma segunda oração (O_2). Trata-se de um subesquema parcialmente esquemático com uma posição parcialmente aberta em V, que sanciona apenas formas verbais não-finitas, e uma totalmente fechada, especificada pelo complementizador 'que'. A partir daí tem-se o pareamento:

$$[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}] \leftrightarrow \text{CONDIÇÃO}$$

A emergência desse subesquema se deu por volta do século XVIII, a partir da construcionalização de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ como conector condicional, sancionado via analogização pelo esquema mais geral $[X \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ herdado do latim¹¹. Posteriormente, outras formas verbais são atraídas para a posição em V e o subesquema experimenta aumento de sua produtividade de tipo com a emergência de novas microconstruções por analogização a $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$.

Começamos, então, com uma rápida caracterização do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ e de suas microconstruções no português. Nota-se, aqui seu alto grau de não composicionalidade, como se discute a partir das seguintes ocorrências:

- 1 E **dado que** conseguissem avançar, ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável. (18:Cunha:Sertões)
- 2 - Deixai o obscuro monge - respondeu o frade - e salvai o ilustre guerreiro. Que importa a liberdade ou a vida de quem como eu já de mais tarda ao sepulcro? A morte, **posto que** me aterre, achar-me-á resignado. Mas o que mais temo é o vosso próprio esforço. (18:Herculano:Bobo)
- 3 As ambiguidades estimadas absorverão parte dos erros, devido aos erros do satélite e do receptor, **considerando que** tais erros sejam constantes. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- 4 Um exemplo real consiste na aplicação deste mapeamento para a base de conhecimento da Figura 2: (1) existe uma relação enable entre probl(2) e sol(3a); (2) e **supondo que** o repositório intencional contenha as relações intencionais DOM(sol,probl) e SP(probl,sol); (3) então é possível gerar a relação retórica MEANS(probl(2),sol(3a)) ou a relação PURPOSE1(sol(3a),probl(2)) (19Ac:Br:Lac:Misc)

Em (1) – (4), observa-se que as microconstruções $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}'}$ $[\text{considerando que}]_{\text{Cond}'}$ $[\text{dado que}]_{\text{Cond}}$ e $[\text{posto que}]_{\text{Cond}}$ introduzem orações que conceitualizam situações hipotéticas que podem levar a um conjunto de resultados possíveis. Por exemplo, em (1), a oração 'ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável' é uma conclusão possível a partir da realização do evento hipotético descrito na oração

¹¹ Ver Oliveira (2014, 2019).

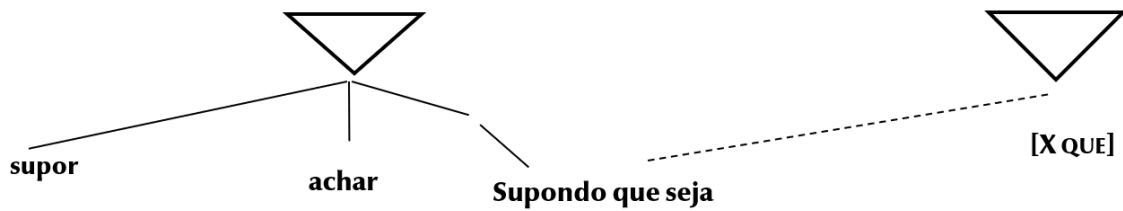
“**dado que** conseguissem avançar”. É o que ocorre, também, em (2)-(4), em que as orações marcadas, respectivamente, por **posto que**, **considerando que** e **supondo que**, conceitualizam situações condicionantes, projetando as conclusões e conseqüências possíveis descritas nos segmentos nucleares com os quais se relacionam.

Em casos como esses, as microconstruções sancionadas pelo subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ estruturam situações alternativas construindo hipóteses sobre a implicação causal dos eventos descritos numa determinada ordem. O que temos, então, é uma relação de causalidade não-preenchida, hipotética e preditiva, marcada pelas microconstruções conectoras que ligam duas orações, o que configura uma relação condicional, conforme descrito em Oliveira (2020) e Oliveira e Hirata-Vale (2017). Em outras palavras, nos exemplos em (1)-(4), as microconstruções conectoras assumem um significado procedural, abstrato, que orienta o ouvinte sobre a natureza não factual da oração marcada pelo conector e sobre a sequencialidade causal instaurada entre as duas orações envolvidas no complexo oracional. Nesses contextos, as microconstruções sancionadas por $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ funcionam como conector adverbial, instauram a não-assertividade das duas orações envolvidas, atuando como construtores de espaços mentais alternativos. Atualizam, portanto, o significado condicional, absolutamente abstrato e não composicional. Esse significado é resultado de construcionalização gramatical, processo de mudança linguística por meio do qual formas procedurais emergem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

A trajetória de formação do subesquema $[V_{\text{Não-fin}} \text{ que}]_{\text{Cond}}$ começa com a emergência da microconstrução $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ no século XVIII. Conforme Oliveira (2019, p. 376), o ponto de partida para essa mudança é o próprio significado da forma fonte, “um verbo de percepção mental que designa um estado cognitivo, cujo significado original indica “admitir hipoteticamente””. No entanto, a autora mostra que o contexto chave para a construcionalização de $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ é o uso da forma não-finita do verbo em contextos em que atua com um valor mais modal, com significado próximo a verbos modais como ‘crer’ e ‘achar’. Quando, nesses ambientes, a referência do sujeito gramatical se perde e o falante assume o conteúdo da oração como não verdadeiro, o significado de ‘supondo’ se expande e passa a marcar a não realidade da oração que introduz. A partir daí, instaura-se uma sequencialidade tal entre os eventos e $[\text{supondo que}]_{\text{Cond}}$ passa a descrever ambas as orações envolvidas como não reais. Esse novo uso não é compatível com a forma e o sentido da categoria fonte, e a nova construção é então atraída, via analogização, para a rede dos conectores $[X \text{ que}]_{\text{Cond}'}$ que já sancionava $[\text{ADV que}]_{\text{Cond}'}$, $[\text{N que}]_{\text{Cond}'}$ e $[\text{PREP que}]_{\text{Cond}'}$ e que se expande a partir dessa mudança, como ilustra a figura abaixo.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Figura 3. Construcionalização de [supondo que]



Fonte: Elaboração própria

Temos, então, uma neoanálise do significado de [supondo que], “a partir da qual traços semântico-pragmáticos do significado de hipótese do verbo *supor* são reinterpretados como condição via extensão metafórica” (OLIVEIRA, 2019, p. 379). Essa mudança de significado é também acompanhada de neoanálise da forma. Ao assumir o valor de conector condicional, ‘supor’ perde propriedades flexionais e argumentais do seu uso fonte e assume posição fixa no início da oração. Veja que nenhuma flexão modo temporal distinta da forma gerundiva é possível na microconstrução. A microconstrução se fixa nessa forma e sequência, formando o *chunk* [supondo que] que se convencionaliza como conector condicional. É assim que surge um novo subesquema na rede de conectores condicionais no português: o subesquema [V_{Gerun} que]_{Cond}. Essa construcionalização leva à extensão do esquema mais geral dos conectores condicionais [X que]_{Cond}, que até então sancionava apenas [PREP que]_{Cond} e [ADV que]_{Cond}.

A partir da consolidação da microconstrução [supondo que], a posição em V passa por generalização, atraindo outros verbos e, assim, novas microconstruções emergem via analogização no português do século XIX, como se vê no quadro abaixo, em frequência bruta por século:

Tabela 2. Frequência bruta das microconstruções sancionadas por [V_{Não-Fin} que]_{Cond}

Tipo de conector \ Século	[supondo que]	[considerando que]	[dado que]	[posto que]
XVIII	2	—	—	—
XIX	7	1	5	4
XX	43	10	3	3
XXI	82	38	—	—

Fonte: Elaboração própria

No início do século XIX, em contextos do subjuntivo, a posição V_{Gerun} passa a atrair o verbo ‘considerar’, levando à formação do *chunk* [considerando que]. Semelhantemente

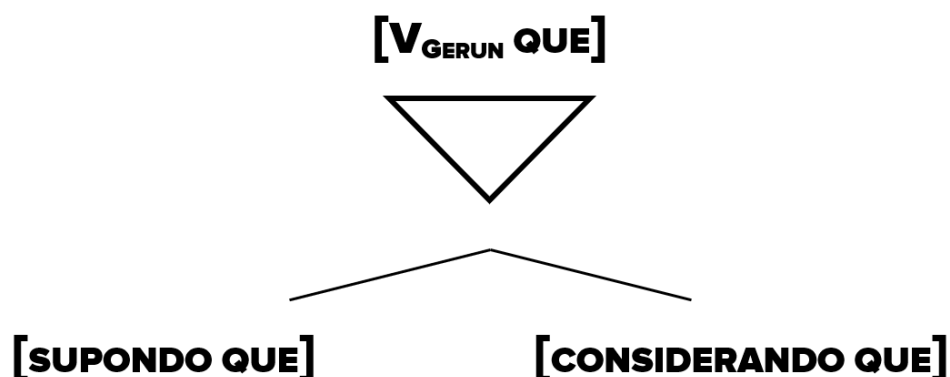
ao que ocorreu com [supondo que], o novo *chunk* passa de uma semântica de ‘admitir como verdadeiro’ para a implicatura de predição de causalidade, em que as duas orações vinculadas recebem uma leitura de causa não-factual, atualizando a condicionalidade. É o que mostram as ocorrências seguintes do século XIX:

- (5) **Considerando que** Deus seja mesmo brasileiro, o fato de eu ter nascido em Safira do Norte faz de mim, além de um pobre miserável, mais um conterrâneo de o Pai.
(acervo.revistabula.com)
- (6) **Considerando que** esses processos sejam colocados sobre a mesa de trabalho de o auditor, de maneira aleatória, formando uma pilha, julgue os itens que se seguem.
(aprovaconcursos.com.br)

Podemos afirmar que tais usos têm uma função diferente da que servia a forma gerundiva ‘considerando’ (estabelecer uma base factual) e a função procedural de conector oracional emerge na sequência linguística [considerando que]. Essa mudança de significado é acompanhada, também, de uma neanálise de forma e de distribuição: ‘considerando’ se fixa na forma gerundiva, perde propriedades formais (flexionais) e funcionais (argumentais) da categoria verbal e se liga ao complementizador ‘que’, formando um *chunk*. Essas mudanças resultam na construcionalização gramatical desse conector, ou seja, uma nova microconstrução emerge. Em outras palavras, um novo nó emerge na rede dos conectores condicionais.

A emergência dessa microconstrução resulta em novo nó na rede, levando à extensão do subesquema $[V_{Gerun} \text{ que}]_{Cond}$, que passa a sancionar duas microconstruções, tornando-se relativamente mais geral e mais esquemático. Essa mudança configura, portanto, como aumento na produtividade do subesquema que, a partir do século XIX, passa a sancionar, então, duas microconstruções como se representa na Figura 4.

Figura 4. Subesquema [V que] no início do século XIX



Fonte: Elaboração própria

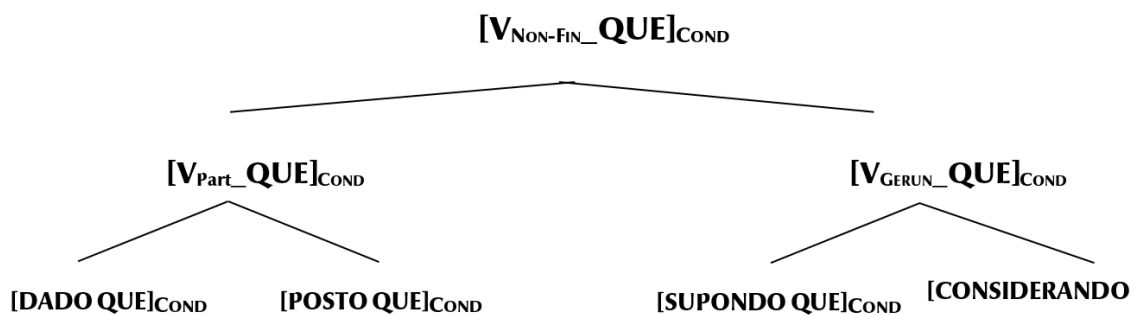
- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Posterior a essa mudança, começam a surgir também usos com formas verbais participais. Da segunda metade do século XIX em diante, o subesquema [V que]_{Cond} começa a sancionar a microconstrução [dado que]_{Cond} e já ao final desse século também se encontram usos conectores de [posto que]_{Cond'} como atestam as seguintes ocorrências:

- (12) posto que a visão passou e desapareceu.. mas deixou gravada na alma a certeza de que... **Posto que** seja assim tudo isto, a confiança não passará daqui, minhas senhoras: tanto basta para se saber que estou suficientemente habilitado para cronista da minha história, e a minha história é esta. (18:Garrett:Viagens).
- (13) De sorte que, em ali chegando, os invasores seriam inteiramente circundados de balas, E **dado que** conseguissem avançar, ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável. (18:Cunha:Sertões).

Aqui, a neanálise toma um caminho semelhante ao que se viu na emergência de [supondo que]_{Cond} e [considerando que]_{Cond'}: os conectores [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} emergem em contextos em que a leitura 'tome tal fato como pressuposto' é reinterpretada para projeção de implicação causal. Contribui para essa neanálise a sequencialidade das orações envolvidas no complexo oracional e o uso de tempos do modo subjuntivo. A implicatura contextual que emerge nesses contextos é convencionalizada como parte do significado de [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'}, que também se fixam como conectores condicionais. Surgem, então, duas novas microconstruções de tipo na rede dos conectores condicionais, ou seja, dois novos nós.

Figura 5. Subesquema [V que]_{Cond} no final do século XIX



Fonte: Elaboração própria

Essas mudanças resultam em aumento considerável da extensibilidade e do grau de esquematicidade do subesquema, que passa a generalizar sobre diferentes tipos de microconstruções. Entre o século XVIII até meados do século XIX, o subesquema que sancionava apenas verbos cognitivos na forma gerundiva (ver Tabela 2) passa por expansão com a emergência das microconstruções de base verbal no participípio e com significado lexical bastante distinto do domínio raciocínio mental. Assim, com essas novas mudanças,

o subesquema expande sua produtividade de tipo, já que passa a generalizar sobre mais microconstruções. Conseqüentemente, essas mudanças afetam também o grau de esquematicidade do esquema, que vai se tornando menos específico e, portanto, mais geral. No subesquema, a posição aberta em V que, no século XVIII e início do XIX, atraía apenas verbos cognitivos em formas gerundivas, perde essa restrição com a emergência dos conectores de base participial com significados outros. Ou seja, como resultado da construcionalização de [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond'} o grau de esquematicidade do subesquema também se altera, já que passa a sancionar verbos em diferentes formas não-finitas, passando do padrão [V_{Gerun} que]_{Cond} para o padrão menos específico [V_{Não-fin} que]_{Cond} como se vê na Figura 5. Fica evidente a estreita relação entre produtividade e esquematicidade. A emergência de novas microconstruções de tipo leva ao aumento da extensibilidade do subesquema que fica, portanto, mais produtivo. Esse aumento na produtividade tipo provoca, por sua vez, o aumento do seu grau de esquematicidade, já que o subesquema passa a abstratizar sobre diferentes tipos.

No século XXI, nova mudança na rede parece afetar o subesquema [V_{Não-fin} que]_{Cond} e, conseqüentemente, a rede dos conectores condicionais como um todo. Não se encontram ocorrências sancionadas pelas microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} em dados do português contemporâneo e os usos levaram ao aumento da produtividade de tipo do subesquema nos séculos XIX e XX, que parece seguir o caminho da obsolescência, e não do entrincheiramento e da consolidação. Tal fato pode ser explicado por uma série de razões, que discutiremos a seguir.

Uma primeira razão parece estar ligada à própria consolidação da microconstrução [supondo que]_{Cond'} que se torna o exemplar mais disponível desse subesquema. Sua frequência de ocorrência comparada às demais microconstruções e sua expansão semântico-pragmática e sintática confirmam essa construção como plenamente convencionalizada e entrincheirada na rede dos conectores condicionais, atuando em diversos contextos, com aumento de sua produtividade de tipo.

Começemos pela expansão semântico-pragmática [supondo que]_{Cond'}. Os primeiros usos de [supondo que] como conector iniciam-se em contextos mais concretos, ligando eventos, como se nota nos seguintes exemplos dos séculos XVIII e XIX:

- (5) **Suppondo que** possam ser accommodadas 300 urnas e 80 jasigos, aqueles a 100\$000, e estes 200\$, produzirá eSse melhoramento, que satisfaz uma das primeiras neceSsidades da claSse menos abastada (Cartas1862.DOC - BIT Prohpor).

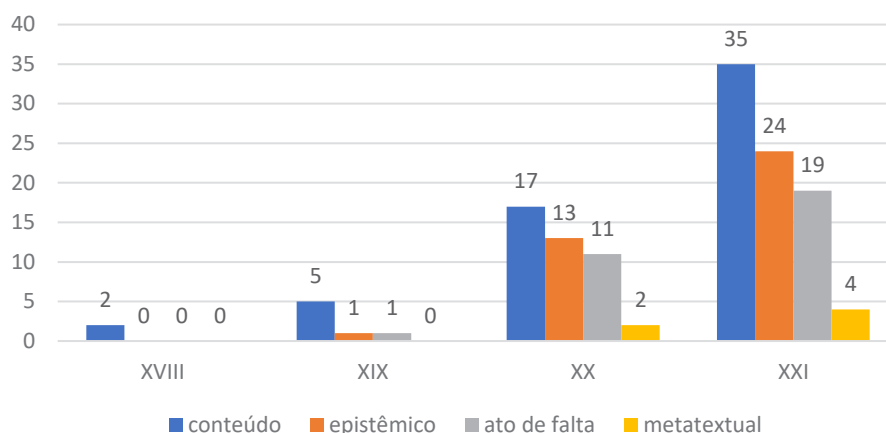
- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

- (6) Ora, pelas estatísticas atuais, criminosamente toleradas pelo Governo, que tem na matrícula a confissão do crime dos proprietários, o número dos africanos escravos sobe no Brasil a 200.000. **Supondo que** metade deste número é tirado dos importados depois do tráfico, temos que o número das pessoas livres reduzidas à escravidão é no Brasil nada menos de 700.000. (18:Patrocínio:Campanha).

Nessas ocorrências temos dois eventos conectados no domínio cognitivo de conteúdo (SWEETSER, 1990). Esse seria o tipo mais básico de condicional, em que traços da causalidade e sequencialidade marcam fortemente a estrutura condicional. Por volta do século XIX, à medida que se convencionaliza, [supondo que] vai expandindo seus usos para domínios cognitivos mais abstratos, mas ainda interligados à relação de causalidade. Por meio de projeções metafóricas, o significado condicional vai se tornando cada vez mais abstrato e se torna mais (inter)subjetivo. Como resultado dessa expansão, o esquema semântico de causa vai se diluindo cada vez mais e então, [supondo que] vai integrando orações de domínios mais abstratos: epistêmico, atos de fala e metatextual, como nos exemplos em (7)-(9). O que se verifica, portanto é que quanto mais se convencionaliza, mais o conector coocorre com a oração condicional de diferentes domínios. Essa expansão é atestada pelos seguintes exemplos:

- (7) Mas ainda **supondo que** a conjectura tenha razão, admitindo mais que a alegoria da justiça na Vida de D. Quixote seja o resumo das queixas pessoais do poeta (suposição tão frágil como aquela), a verdade é que os sucessos da vida dele não influíram (18:Machado:Relíquias).
- (8) **Supondo que** você tenha razão, tornou ela, não deverei casar nunca? - (18:Machado:Helena) .
- (9) Mesmo **supondo que** a reforma da Previdência acabe com todas essas vantagens, ele vai levar, pelo menos, o mesmo reajuste que o ativo tem. É difícil segurar essa despesa. (19Or:Br:Intrv:ISP).

No domínio epistêmico ligam-se proposições (ocorrência 7), no domínio dos atos de fala, ligam-se atos de fala (ocorrência 8) e no domínio metatextual (ocorrência 9), ligam-se conteúdos que façam referência anafórica a uma porção de informação já enunciada. Nesses tipos, a interpretação de causalidade mais básica e concreta vai se perdendo gradativamente à medida que o significado condicional se torna mais (inter)subjetivo e, conseqüentemente, mais abstrato. Proporcionalmente, quanto mais se desenvolve, mais nuances o significado apresenta, como se vê no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Expansão semântico-pragmática

Fonte: Elaboração própria

O gráfico revela, em frequência bruta, a trajetória de expansão semântico-pragmática da microconstrução, que começa com usos localizados no domínio cognitivo do conteúdo e vai, gradativamente, ampliando os domínios cognitivos de atuação do conector a partir do século XX. Desse período em diante, notam-se usos de [supondo que]_{Cond} em todos os quatro domínios cognitivos distinguidos em Dancygier (1998). Além disso, nota-se, também, aumento da frequência bruta em todos esses domínios do século XX ao XXI.

Além da expansão semântico-pragmática, também se nota, no início do século XIX, a expansão sintática. Essa expansão medimos pela variação da posição da oração marcada pela microconstrução conectora em relação a núcleo. Conectores condicionais emergem em contextos de anteposição. Conforme discute-se em Oliveira (2019), a sequencialidade dos eventos nesses contextos é fundamental para a implicatura do significado condicional. A anteposição favorece a leitura da condicionalidade, já que os eventos estão conceitualizados numa ordem cognitivamente icônica à ordem dos eventos no mundo biossocial, em que causas e condições antecedem suas consequências, como na ocorrência (10). Quando a microconstrução [supondo que]_{Cond} se consolida com a função conectora, passa a depender menos do contexto e pode inserir orações que conceitualizam os eventos em ordem diferente da anteposição, como na ocorrência (11).

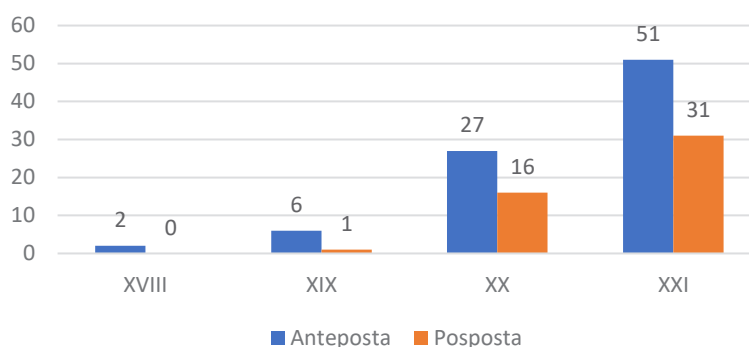
(10) Mas, **supondo que** o Mestre não tem os ditos livros, direi o que deve fazer depois da leitura de Fedro e Terêncio. (Verney, L. A. (1713): Verdadeiro Método de Estudar – BIT Prohpor).

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

- (11) Haver-se-iam – os dados como desaparecidos – abrigado nas caves e lá sufocariam por falta de oxigênio? Ou, perdida a noção dos dias, tardariam em vir à superfície, **supondo que** os ciclones teimassem em durar? Ou seria, aventavam os mais trágicos, que tinham todos ido pelos ares fora? (19:Fic:Pt:Correia:Insânia).

O Gráfico 2 mostra essa expansão sintática: nele se vê como microconstrução [supondo que]_{Cond} emergem em contextos de anteposição, que são maioria nos séculos XVIII e XIX. Já no século XX, observam-se ocorrências de condicionais marcadas por [supondo que]_{Cond} antepostas e pospostas. Assim, à medida que [supondo que]_{Cond} se consolida e sua expansão semântico-pragmática se acentua, essa microconstrução passa a introduzir cada vez mais orações condicionais pospostas atuando, portanto, em diferentes contextos típicos de condicionalidade.

Gráfico 2. Expansão sintática



Fonte: Elaboração própria

Fica clara a expansão colocacional de [supondo que]_{Cond'} evidenciada por sua expansão semântico-pragmática e sintática, o que provoca aumento de sua produtividade de tipo, já que o subesquema sanciona microconstruções de diferentes *types*, que, assim, instanciam sobre uma gama variada de construtos. Ou seja, a microconstrução [supondo que]_{Cond} passa a atuar em diferentes contextos, num comportamento similar ao conector *se*, conjunção condicional por excelência.

Outra razão que pode explicar a possível perda das microconstruções [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} é sua própria trajetória de mudança. Essas microconstruções, diacronicamente, emergem como conector causal e, a partir de mudanças construcionais posteriores, desenvolvem heterossemias várias que historicamente se ligam à base da causalidade, como o valor condicional, atestado nos séculos XIX e XX, mas também o valor concessivo, identificado no século XX, tal como mostra a ocorrência, em que claramente se nota a mescla da causalidade com valor de contraexpectativa, base para o significado de concessão, como se vê na ocorrência em (12):

- (12) Molière caminhou do Médico Volante e dos Zelos de Barboüillé à Escola das Mulheres e ao Tartufo; Antônio José não passou das Guerras do Alecrim e Manjerona, e, **dado que** tentasse fazê-lo, é certo que não poderia ir muito além.

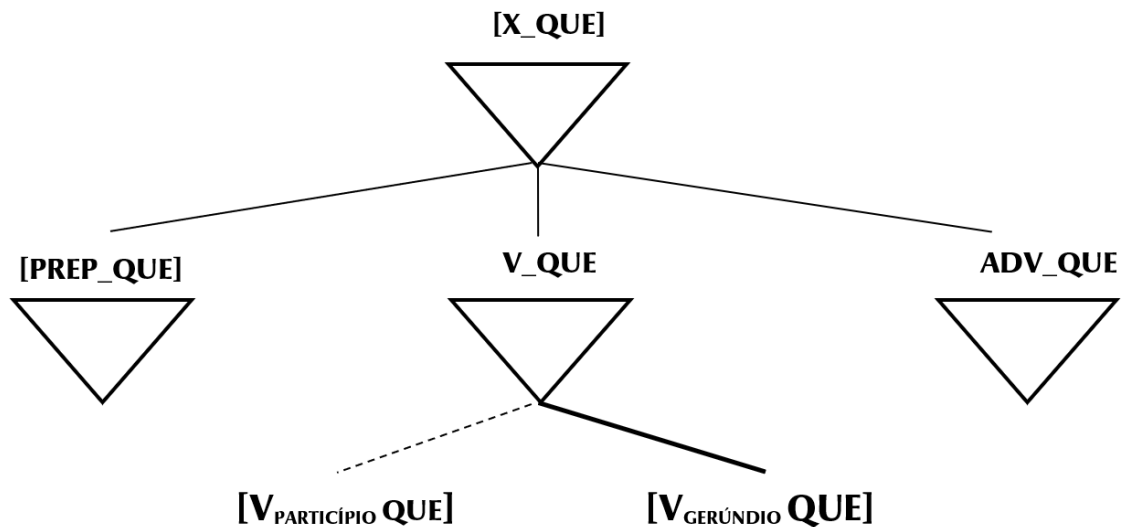
A produtividade de [dado que]_{Caus} e [posto que]_{Caus} como conectores de causa é amplamente demonstrada em autores como Neves (2014), Cavaguti e Hirata-Vale (2014), Clemente (2020) e Amorim (2021), entre outros, o que se explica por diversas razões. Amorim (2021) afirma que [dado que]_{Caus} e [posto que]_{Caus} teriam sua origem no ablativo absoluto do latim, tendo preservado dele traços que contribuem para sua atuação como exemplares mais próximos da zona da prototipia da causalidade. São, assim, exemplares mais entrincheirados e mais rapidamente acessados pelos usuários da língua. Além disso, como é consenso em toda literatura sobre conectores adverbiais, o significado de causa é mais básico e serve de fundação para emergência de significados mais abstratos como condicionalidade e concessividade, que resultam de convencionalizações de projeções metafóricas da base causal. Como Oliveira (2018), em alguns contextos essa polissemia sequer se resolve como resultado do processo de mudança, caso dos conectores em questão. Assim, se por um lado temos [dado que]_{Cond} e [posto que]_{Cond} como exemplares altamente convencionalizados na zona da causalidade, que é, afinal, ao atuarem em outras zonas, esses conectores carregam mesclas de significados e, portanto, não constituem os exemplares mais entrincheirados e mais rapidamente acessíveis para outras significações, que acabam sendo mais prototipicamente marcadas por conectores mais especializados, caso do [supondo que]_{Cond} no que diz respeito à condicionalidade.

Por esse caminho, [supondo que]_{Cond'} que emerge já sobre a base do significado condicional, está mais pronto para ser acionado como exemplar da categoria e atua de forma mais eficiente para acionar todas as significações implicadas, como se viu pelo aumento de sua produtividade de tipo a partir da sua expansão semântico-pragmática e sintática.

Como resultado de todos esses processos, temos o fortalecimento do nó [V_{Gerun} que]_{Cond} e o enfraquecimento do [V_{Part} que]_{Cond'} representado pelo elo pontilhado.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

Figura 6. Reconfiguração da rede dos subesquema [V que]



Fonte: Elaboração própria

Tudo isso parece indicar o seguinte caminho: essas microconstruções se formam por analogia a [supondo que]_{Cond} durante certo período de desenvolvimento da rede de conectores condicionais no português. No entanto, esses nós são menos ativados à medida que [supondo que]_{Cond} se consolida e se torna o exemplar mais próximo da zona prototípica da condicionalidade. Além disso, [dado que] e [posto que] são acionados para instanciar também outras relações, como causa e concessão. Assim, o elo que os liga ao subesquema condicional parece enfraquecer até que não mais se encontram construtos que instanciem essas microconstruções, o que pode estar levando à obsolescência do nó, como representamos na Figura 6 pela linha pontilhada.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos mudanças que afetam o subesquema [V_{Não-Fin} que]_{Cond} com função de conector condicional. Nosso objetivo foi o de mostrar como mudanças de produtividade no nível da microconstrução podem afetar o subesquema em dois sentidos. Numa direção, a alta produtividade das microconstruções, tanto no que diz respeito à frequência de ocorrência quanto à frequência de tipo, tornam o subesquema mais ativo e mais saliente que passa cada vez mais a atrair diferentes tipos de item, formando outras microconstruções. Noutra, o aumento da produtividade de uma microconstrução específica, seu alto grau de entrincheiramento, a coloca como mais disponível na rede e, portanto, mais familiar para os usuários da língua.

Assim, nosso caminho de discussão foi mostrar como preferências colocacionais podem ser usadas para descrever mudanças semântico-pragmáticas de forma sistemática, sugerindo uma trajetória mais ampla de mudança que vai além da história individual das microconstruções. Por fim, mostramos como esse arranjo colocacional de uma microconstrução pode impactar a rede toda, levando ao aumento de esquematicidade, por um lado, mas abrindo caminho para a perda de nós, por outro.

Referências

AMORIM, F. da S. Notas sobre a gramaticalização de conectores causais x-que. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1834>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BARDDAL, J. Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic. **John Benjamins**, Amsterdam, 2008.

BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-25.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angelica Furtado da Cunha e Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAVAGUTI, A. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A configuração semântica de orações causais-condicionais no português do Brasil segundo a Gramática Discursivo-Funcional. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18, p. 101-120, 2014.

CLEMENTE, C. G. C. **O subesquema [V_ que] condicional no português**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.

CROFT, W. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- | Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 9 jul. 2022.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FARIA, M. H. V. **Abordagem construcional dos pronomes “a gente” e “você” em construções de indeterminação do sujeito**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2022.

GOLDBERG, A. E. **Explain Me This. Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Surface generalizations: an alternative to alternations. **Cognitive Linguistics**, v. 13, p. 327-356, 2002.

FONSECA, A. M. **A perífrase verbal IR + infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (ed.). **What makes grammaticalization?: A look from its fringes and its components**. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HILPERT, M. **Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar**. Brill, 2021.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press. 2008.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, 2020.

OLIVEIRA, T. P. A construção [[supondo_que]CON. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 370-383, 2019.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. **DELTA**, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

PEREK, F. Using distributional semantics to study syntactic productivity in diachrony: a case study. **Linguistics** 54, p. 149-188, 2016.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and culture aspects of semantic structure**. New York: Cambridge Press, 1990.

TOMASELLO, M. *et al.* **Why we cooperate**. With Stanford University: MIT Press, 2009.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taisa Peres de Oliveira e Maria Angelica Furtado da Cunha. Vozes, 2021.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Táisa Peres de; CLEMENTE, Camila Gabriele da Cruz. Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 58-84, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 05/12/2022.
